

RESENHA:
E QUEM VIVE SEM A LEITURA?

Thais Batista Siqueira¹

Recebido em: 04 nov. 2018

Aceito em: 04 dez. 2018

SILVA, Márcia Cabral da & BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani (Orgs.)
Literatura, leitura e educação. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017. 288 p.

Como aponta o texto de orelha de *Literatura, leitura e educação*, o livro é fruto da interlocução entre grupos de pesquisa de diferentes universidades públicas do país, que assumem a leitura e a literatura como temas. Reunindo 10 ensaios, a obra se originou de um dossiê organizado para a revista *Teias* (publicação da Proped – UERJ) em 2015. “Trata-se, portanto, de um investimento de pesquisadores cujo objeto de estudo tem sido a literatura destinada à infância e ao jovem, assim como as práticas de leitura no âmbito da escola e da vida social” (p. 9).

No que tange ao livro infantil, os ensaios buscam compreender, segundo o texto de introdução elaborado por Silva e Bertolotti, dois conjuntos de questões: um primeiro, que diz respeito à condição literária do livro infantil, e um segundo, que diz respeito à ampla produção de livros na sociedade brasileira contemporânea e à problemática da lógica de mercado. Ainda na introdução, as organizadoras dividem os textos que compõem a obra em três conjuntos: um que se ocupa de delimitar, definir, determinar e avaliar o campo; outro que busca discutir o objeto de leitura para crianças e jovens, e que circula em livros, revistas, acervos ou coleções; e um terceiro, que problematiza a leitura literária em suas relações com a educação e o ensino.

Constituem o primeiro bloco os ensaios de Maria do Rosário Longo Mortatti e Fernando Rodrigues de Oliveira e Márcia Cabral da Silva. No primeiro, os autores executam uma avaliação panorâmica da produção acadêmica sobre literatura infantil

¹ É formada em História pela USP, professora da rede municipal de ensino de São Paulo e mestranda no programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. E-Mail: thasiqueira@yahoo.com.br

vinculadas a programas de pós-graduação *stricto sensu*, optando por analisar e problematizar três aspectos: crescimento quantitativo, distribuição por áreas de conhecimento e distribuição por regiões geográficas/estados brasileiros. O segundo discute a literatura infantil enquanto gênero literário a partir de três conferências da poetisa Cecília Meireles e os estudos de Leonardo Arroyo sobre o tema. Silva, inclusive, coloca logo na abertura de seu ensaio que o livro de ficção para crianças é de difícil conceituação: “Livro para se ler, segundo o gosto da criança, ou livro para se ensinar a ler, circunscrito pela visão dominante de adultos e pedagogos?” (p. 51). Essa aproximação entre leitura e instrução escolar está presente em boa parte dos textos sobre a primeira produção literária para a infância reunidos nessa coletânea.

O segundo bloco de ensaios reúne análises de materiais de leitura para crianças e jovens como o livro de leitura manuscrita ou paleógrafo, o jornal produzido para crianças chamado *Tico-Tico*, o livro *Estória do galo e do Candimba*, de Leonardo Arroyo, e três textos que têm os acervos do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) como objeto de estudo. No ensaio que analisa a publicação de Arroyo, a relação entre leitura e instrução escolar apontada no parágrafo acima fica evidente: a autora Vivianny Bessão de Assis associa a demanda por livros de leitura ao aumento da produção editorial, uma vez que a escola estava em franca expansão no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. Também chama atenção o fato de Arroyo ter incluído em seu livro três contos inspirados no folclore africano, o que considero arrojado para a época (1961). As histórias de matriz africana pregam a esperteza e a inteligência, contrapondo-se às histórias moralizantes contidas na mesma publicação.

Julgo os ensaios que tratam de aspectos do PNBE de extrema importância, pois discutem a política pública de aquisição e distribuição de acervos para as escolas públicas de todo país. Fernandes e Paula, em sua análise sobre o projeto “Literatura em minha casa”, mostram que, apesar dos critérios de diversidade previstos nos editais, se confirma a hipótese da existência de um cânone literário infantojuvenil. E completam dizendo que a recorrência pode criar no leitor iniciante “a ideia de que apenas algumas obras, de alguns autores, são literárias” (p. 166). Já Zappone preocupa-se em entender em que medida a literatura juvenil brasileira tem conseguido representar as diferentes realidades e os diferentes grupos sociais que configuram a sociedade brasileira. Corsino elege uma obra selecionada pelo PNBE para refletir

sobre infância e literatura “na perspectiva de compreender a literatura infantil como arte e o livro infantil contemporâneo como espaço de articulação entre três campos: a arte da palavra/literatura, as artes visuais e a arte do design gráfico editorial” (p. 207).

Os dois últimos ensaios do livro problematizam a leitura literária em suas relações com a educação e o ensino. Rezende e Oliveira colhem três situações de leitura em grupo para discutir as possibilidades de se construir um percurso que leve à emergência e à manifestação do sujeito-leitor – conceito que emprestam de Annie Rouxel, o qual supõe formar um leitor implicado. A leitura é aqui pensada enquanto prática social compartilhada, levando os participantes a se apropriar, “de modo conjunto, de um repertório também compartilhado de textos” (p. 250). Na conclusão, colocam que ao mesmo tempo em que a subjetividade do leitor sempre foi negada na escola, as leituras realizadas por gosto, fora dela, também foram consideradas ilegítimas.

Para fechar a obra, Parreiras faz uma defesa apaixonada do ensino de poesia na escola, oferecendo um panorama que vai da poesia dedicada à infância à poesia marginal dos anos 1970, passando por Fernando Pessoa. Em seu ensaio, a autora foge dos academicismos, compondo um texto quase poético, permeado pela reprodução de poemas, como que querendo mostrar que a poesia se lê e se sente, mais do que se fala sobre ela. “Seja lírico, seja bem-humorado, o poema transita em um território de fantasia e sonho. E quem vive sem isso?” (p. 266).

Antes de encerrar, uma observação com relação à edição do livro. Por ter quase 300 páginas, o formato escolhido dificulta a leitura, pois não é possível manter o livro aberto sem danificá-lo. Além disso, faltou certo cuidado na revisão de alguns capítulos. *Literatura, leitura e educação* traz uma boa reunião do que se tem produzido sobre os temas e constitui uma leitura obrigatória para pesquisadores dessas áreas.